

FILHO; Roraima Alves da Costa¹, IAOCHITE; Roberto Tadeu²

RESUMO

A discussão sobre o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem vem ocorrendo ao longo dos anos, e foi acelerada com o advento da pandemia do coronavírus que assolou o mundo em março de 2020. Uma das variáveis que se relaciona com o uso da tecnologia e a aprendizagem nos ambientes virtuais é a autoeficácia. O uso de tecnologias por docentes para ensinar mostra relações positivas com a autoeficácia docente para uso de tecnologias. Contudo, em se tratando dos professores como aprendizes em processos de formação continuada, essa variável ainda é pouco explorada. Este estudo teve como objetivo analisar a autoeficácia de docentes para aprender online antes e depois da participação em um curso de formação continuada em serviço sobre promoção de saúde na e da escola. O curso ocorreu de maneira híbrida, com atividades online mediadas por um ambiente virtual de aprendizagem, e encontros presenciais, na primeira quinzena de fevereiro de 2020. Participaram do estudo 14 inscricas no curso, com idade média de 41,29 anos, sendo nove professoras, 2 vice-diretoras, uma psicóloga e uma estudante de licenciatura. Os dados foram coletados no início e ao final do curso de formação continuada sobre aspectos teóricos e práticos da promoção de saúde na e da escola. Foram utilizados um questionário de caracterização, uma escala de autoeficácia de professores para aprendizagem online e um questionário de avaliação da aprendizagem no curso. Os dados quantitativos de comparação entre o início e fim do curso foram analisados por meio do teste de postos de sinais de Wilcoxon, e os dados qualitativos por meio da codificação descritiva. De maneira geral, as participantes relataram uma autopercepção de capacidade para aprender online elevada, acima da média escalar, nas duas dimensões avaliadas. Comparando o antes e depois da participação no curso, a percepção de autoeficácia para aprender online não apresentou mudanças significativas, tanto na dimensão da “comunicação online” ($M_{\text{início}} = 4,00$ ($DP = ,47$); $M_{\text{final}} = 3,94$ ($DP = ,56$)), como na dimensão “aprendizagem autodirigida” ($M_{\text{início}} = 4,11$ ($DP = ,42$); $M_{\text{final}} = 4,13$ ($DP = ,29$)). Na análise dos questionários, pode-se observar outras informações relacionadas à aprendizagem online durante o curso. Como foi utilizado no formato híbrido, o ambiente virtual de aprendizagem utilizado foi visto pelas professoras participantes como um complemento e preparação para os encontros presenciais do curso. Outro exemplo, foi que, apesar das dificuldades iniciais de acesso, a busca por auxílio dos professores do curso e a persistência em aprender a utilizar uma nova ferramenta tecnológica foram mencionadas como elementos positivos. Relatos nessa direção mostram uma possível calibração entre o que as participantes acreditam que conseguem fazer e o que fizeram realmente no que tange a aprendizagem utilizando ambientes virtuais de aprendizagem. é possível pensar que a crença tenha sido um fator importante para que não desistissem do curso, ao mesmo tempo que a experiência de sucesso em conectar e completar as atividades do curso tenham fortalecido a percepção de capacidade para aprender online.

PALAVRAS-CHAVE: Formação profissional contínua, crenças docentes, tecnologia

¹ Núcleo de Estudos e Pesquisas em Teoria Social Cognitiva e Práticas Educativas (TSCPE) e docente na Prefeitura Municipal de Educação de Ribeirão Preto, rracflo@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista - UNESP e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Teoria Social Cognitiva e Práticas Educativas (TSCPE), roberto.iaochite@unesp.br